

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

*O Estado de São Paulo*

Class.:

82

Data:

07.09.80

Pg.:

### ESP 1980

# Críticas, denúncias e ameaças de conflito

"Se o governo insistir em desapropriar a margem direita do rio Xingu, ao norte da BR-80, na localidade conhecida como São Luis do Bang-Bang, para anexar suas terras ao Parque Nacional, cumprindo promessa recente do Ministério do Interior aos índios que habitam essa reserva, haverá confrontos de graves proporções entre os fazendeiros e índios que disputam essa região. Ambos estão armados e dispostos a defender sua permanência na área, alegando direito reconhecido para isso."

A denúncia foi feita em São Paulo, esta semana, pelo veterinário João Carlos Ribeiro, ex-gerente da Fazenda Agropexin, situada à margem direita do Rio, reclamada pelos índios Txucarramãe e recentemente desapropriada pelo Ministério do Interior. Afirmando que pretende alertar as autoridades para a gravidade da situação, João Carlos critica a política da Funai e do Ministério do Interior, acusando-a de incentivar a disputa desenfreada dos índios por mais terras e a luta armada. O ex-gerente da Agropexin acusa, ainda, um ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, de incitar os índios a invadir propriedades da área e matar, quando encontram resistência.

João Carlos Ribeiro afirma que "existe no Parque Nacional do Xingu um processo de agitação política que utiliza os indígenas como instrumento de subversão". Segundo ele, isso começou com a saída dos irmãos Villas-Boas da direção do Parque, em 1977. "A nova administração entregou aos índios armas de repetição e munição, barcos a motor, e mentalizou-os para a subversão. Eles, que eram pacíficos, tornaram-se violentos e assassinos. Em 1976 mataram dois peões em nossa fazenda e, para acalmá-los, o governo os presentou com 400 mil hectares de terra na margem esquerda do rio Xingu, ao norte da BR-80".

João Carlos afirma que a disputa por terras não cessou aí. "Em 1979 eles atacaram novamente a Agropexin, e conseguiram que o governo desapropriasse a fazenda, entregando-lhes seus 40 mil hectares. No mês passado, mataram onze peões da fazenda São Luiz, na margem direita do rio, e conseguiram da Funai a promessa de mais 400 mil hectares de terra, nessa área. Mas, dessa vez, a coisa não será tão fácil. Os fazendeiros resistirão, até mesmo ao governo, porque não pretendem aceitar pacificamente a desapropriação."

Assegurando que "dessa vez a promessa da Funai não poderá ser concretizada", João Carlos aponta os motivos da resistência dos fazendeiros. "As propriedades da área — cerca de 20 — têm inúmeras benfeitorias, gado e muito maquinário. Além disso, seus proprietários são homens que venderam tudo o que tinham no Sul, para investir nessa região, onde se instalaram mediante certidão negativa expedida pela Funai, dando conta de que não havia tribos nas imediações. Esses homens não pretendem trocar suas terras por outras do Norte,

indiscutivelmente mais pobres e de acesso difícil."

Insistindo em que nunca houve índios na margem direita do rio Xingu, João Carlos conclui: "Quando o governo desapropriou a Agropexin, não fui contrário à medida, porque a margem esquerda do rio era, originalmente, habitada pelos índios. Agora, na margem direita os invasores são eles. E isso precisa ter um paradeiro".

### EXPLORAÇÃO E MENTIRAS

O sertanista Orlando Villas-Boas, assessor da Funai, que foi, durante 16 anos administrador do Parque Nacional, desmentiu as afirmações de João Carlos e defendeu o direito legítimo dos índios de lutarem pelas terras daquela região. Ele reconheceu a possibilidade de eclosão de novos choques entre índios e fazendeiros na área, e ressaltou que, nesse caso, os fazendeiros estarão enfrentando o governo e a Polícia Federal, e não apenas os índios. "O artigo 198 da Constituição assegura que a União é a verdadeira proprietária dessas terras. O indígena tem apenas o direito de usufruto. Mas como ele é o elemento presente, se torna escudo de todos os interesses na área."

Orlando Villas-Boas assegurou, ainda, que as duas margens do rio Xingu sempre foram habitadas por diversas tribos, e ressaltou que os únicos invasores da área são os fazendeiros. "Há 20 anos, quando fiz as primeiras penetrações nessa região, encontrei diversas tribos arredias que, com a instalação das fazendas foram sendo expulsas para o Norte. Mas toda essa faixa acima da BR-80 sempre foi considerada área de perambulação dos índios, que se movimentam a procura de melhores regiões de caça."

O sertanista desmente, ainda, que algum administrador do Parque tenha armado os índios e os transformado em assassinos. "A prova de que essa afirmação é mentirosa está nos dois últimos conflitos entre fazendeiros e silvícolas. Estes atacaram com **bordunas**, e está claro que se tivessem armamento mais potente teriam utilizado."

Orlando diz que lamenta profundamente esses conflitos que se estão generalizando pelo País, e culpa os incentivos dados à ocupação do Brasil Central, por esse **quadro triste**. "Há alguns anos, quando começou a febre de ocupação do território, os incentivos transformaram fabricantes de sabão e de parafusos em pecuaristas nessa região. Armados de uma fúria incontrolável, eles saíram perseguindo riqueza fácil e transformando grandes florestas em pastagens. Afiaram o índio e destruíram sua caça para engordar boi."

Para Orlando essa destruição da mata é tão, ou mais grave, que a invasão de terras indígenas. "Essa é a última região ainda intocável, verdadeiro testemunho do Brasil descoberto por Cabral. E essa reserva biológica tem sido destruída impunemente por homens gananciosos e violentos."